

TÍTULO: MULHERES PALHAÇAS NO CARIRI CEARENSE: TEM SIM SINHÔ!

Andreia Aparecida Paris¹

RESUMO:

O texto é o relato de algumas experiências vividas durante a estruturação do projeto “Mulheres Palhaças e Artistas Cômicas do Cariri Cearense: protagonizando o feminino na cena teatral” (2024), que tem como ações centrais o mapeamento, o estudo e a documentação de mulheres palhaças que atuam e/ou atuaram no Cariri Cearense. A Cartografia foi a metodologia escolhida, orientando a sua estruturação e segue inspirando toda a sua execução. O recorte feito para esta publicação é a fase inicial da elaboração do projeto citado, pois objetiva-se contribuir com pesquisador/as que encontram dificuldades neste momento da pesquisa, pois entende-se que a investigação não inicia quando ele termina. Toda a sua elaboração já é pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres palhaças; cariri cearense; cartografia

FEMMES CLOWNS À CARIRI CEARENSE: OUI, AVON-NOUS !

Ce texte relate quelques expériences vécues lors du développement d'écrit du projet « Femmes clowns et artistes comiques du Cariri Cearense: le féminin sur la scène théâtrale » (2024). Les activités principales du projet sont la cartographie, l'étude et la documentation des femmes clowns qu'ont joué à Cariri Cearense. La cartographie est la méthodologie principale de la recherche, avant, après et pendant d'élaboration du projet. Rapporter la phase d'élaboration du projet vise à aider les chercheurs qui rencontrent des difficultés à ce stade, car ils doivent comprendre que la recherche ne commence pas lorsque le projet est terminé. Ecrire le projet c'est déjà la recherche.

MOTS-CLÉS: femmes clowns, cariri cearense, cartographie

¹ Professora efetiva do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Regional do Cariri, desde 2016. Coordenadora do grupo de pesquisa NIPA (Núcleo Interdisciplinar de Poéticas Artísticas). Pesquisa palhaçaria, sonoridades e a composição do ritmo na cena teatral.

MULHERES PALHAÇAS NO CARIRI CEARENSE: TEM SIM SINHÔ!

Este trabalho é o relato de experiências vividas na estruturação do projeto “Mulheres Palhaças e Artistas Cômicas do Cariri Cearense: protagonizando o feminino na cena teatral²” iniciado oficialmente em 2024 e que tem como ações centrais: o mapeamento de mulheres palhaças ou artistas cômicas que atuam e/ou atuaram no Cariri Cearenses; investigar/observar as suas condições de trabalho; os motivos/motivações pelos quais artistas atuam ou tiveram que desistir de suas carreiras; documentar suas experiências. O recorte deste relato, na fase de elaboração do projeto, se justifica porque a pesquisa, ainda em andamento (agora na fase de coleta de dados), já enfrentou muitos desafios, entre os mais graves, a dificuldade de encontrar mulheres caririenses que vivenciaram a arte da palhaçaria, não porque não haviam palhaças na região, mas porque as pessoas não lembravam delas.

Embora a pesquisa tenha iniciado em 2024, o projeto foi sendo construído paulatinamente desde 2019, quando estive em São Luiz, no estado do Maranhão para ministrar a disciplina “Poéticas da Composição do Corpo: teorias e práticas de processos e poéticas da composição do corpo no teatro, performance e dança”, no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Maranhão (PPGAC-MA), onde sou professora colaboradora. Na época, uma estudante-pesquisadora³ do programa, me perguntou se poderia citar alguma palhaça do Cariri que estava atuante, pois investigava mulheres palhaças do Norte-nordeste e queria muito incluir uma artista da região. Embora morasse no Cariri há 3 anos⁴, na época, eu não consegui indicar alguém, pois não havia visto em cena nenhuma palhaça natural do Cariri. Eu tinha ciência apenas de Maria Gomide da Carroça dos Mamulengos e de mim mesma. Só que eu sou natural do interior de São Paulo e Maria Gomide⁵ não nasceu na região, embora viva nela há muito tempo.

Desolada com minha resposta e constatação, voltei de São Luiz com a mala cheia de perguntas: Há ou houve mulheres palhaças caririenses? Caso não haja/houve palhaças,

² Projeto aprovado pela Plataforma Brasil em 2024.

³ A estudante, hoje mestra, Andressa Passos do Nascimento, fez a pesquisa denominada “E Eu não Sou Palhaça?! dramavivências de palhaças das regiões Norte e Nordeste do Brasil”, defendida em 2021, no Programa de Mestrado em Artes Cênicas da Universidade Federal do Maranhão (PPGAC-MA). Neste trabalho ela investiga algumas mulheres palhaças do Norte-nordeste.

⁴ Em 2016 fui morar em Juazeiro do Norte-CE para assumir o cargo de professora efetiva no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Regional do Cariri (URCA).

⁵ Maria Gomide faz parte da Carroça de Mamulengos, uma trupe de formação familiar que tem 40 anos. É formada por brincantes, atores, músicos, bonequeiros, contadores de histórias e palhaços. A família de artistas já se estende à sua terceira geração, levando aos palcos diversas montagens teatrais. Atualmente, sua sede está instalada em Juazeiro do Norte.

há/houveram atrizes cômicas? Atuaram ou atuam há quanto tempo? Qual é/foi sua formação? Em quais espetáculos ou números criaram/participaram? Pararam de atuar? Quando e quais os motivos da desistência da carreira? Quais as motivações para serem/terem sido palhaças ou cômicas? Quantas palhaças mulheres ou atrizes cômicas já assistiram/existem no Cariri? Já viram espetáculos de mulheres palhaças? Há/tiveram dificuldades/facilidades para a comicidade feminina na região do Cariri? Quais? Há documentação da atuação da palhaçaria e comicidade feminina no Cariri? Há estudiosos ou estudiosas pesquisando? Com essas questões borbulhando em mim, comecei a busca por mulheres palhaças ou artistas cômicas do Cariri.

Peço licença para apresentar a o Cariri cearense, afinal, o estou citando bastante. É uma região localizada no sul do Ceará. É uma área grande, formada por 29 municípios⁶, abençoado pela Chapada do Araripe, a floresta nacional do Araripe, e por Padre Cícero Romão. O nome Cariri vem dos povos originários que ocupavam essas terras, denominados de nação Kariri (Junior, 2016). A região também compreende o primeiro Geoparque do continente americano, criado em 2006 no Brasil, denominado Geopark Araripe⁷ (Lima, 2011, p. 10).

O Cariri e a Chapada do Araripe, na confluência dos sertões do Ceará, Pernambuco, Paraíba e Piauí, hoje são densamente habitados, apresentando uma heterogeneidade cultural e social bastante rica e diversificada. O Cariri é tido como uma das regiões de maior originalidade cultural do Brasil, com destaque para as suas manifestações populares (festas, folclores) e seu artesanato sendo um dos principais alvos para estudos antropológicos e históricos do Nordeste. A pluralidade cultural do Cariri é resultado da miscigenação de diversos povos, que trouxeram consigo artesanato, música e gastronomia, e conservaram manifestações da cultura popular como: produção de cordéis (literatura popular), artesanato, principalmente em madeira, couro e argila, Festas de Pau de Bandeira e várias expressões das festas juninas, além de penitências religiosas. Destacam-se também as bandas de pífano, originadas da tradição indígena, e os reisados (reis de couro e folhas de reis ou congadas). As tradições

⁶ Municípios organizados em ordem alfabética: Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririaca, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteirias, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas e Várzea Alegre.

⁷ O Geopark Araripe tem 3.441 km², no estado do Ceará. É um território riquíssimo que, além de ter flora e fauna exuberante e fundamental para todo o ecossistema da região, encontra-se nele “notavelmente preservados, fósseis de insetos, plantas, répteis voadores, peixes em três dimensões, no interior de nódulos, tartarugas e crocodilos [que] fazem-nos reviver um mundo que existiu há 120 milhões de anos (Lima, 2011, p. 10).

populares musicais incluem ainda o baião, o forró pé de serra, a cantoria, o coco, o repente e a embolada, entre outros. A figura do Padre Cícero e as romarias de Juazeiro do Norte fazem do Cariri um dos principais palcos de devoção católica na América Latina (Lima, 2011, p. 16)

Como é possível observar no texto acima, a região é reconhecida no Brasil, como um território cultural e artístico único. E exatamente por viver nesta região e conhecer toda a sua riqueza que estranhei a ausência de mulheres palhaças, embora até 2019, nem eu havia observado essa falta. Início então uma busca informal, perguntando a pesquisador/as, espaços culturais, artistas sobre as mulheres palhaças na cena e não recebi nenhuma resposta satisfatória. A partir das negativas, estava diante de uma total falta de interesse das mulheres caririenses pela palhaçaria? Será que esta dificuldade de não vê-las atuando, ainda tem origem em preconceitos e em ideias sexistas e machistas? Reflexo, talvez, do preconceito das mulheres na comicidade, já que havia o pensamento de que as mulheres não seriam capazes de fazer o outro rir, mesmo no circo? De acordo com Lili Castro, as mulheres até poderiam tirar alguns risos da plateia, mas apenas como auxiliares dos comicos e palhaços, em funções que recebiam os nomes de *partiners*, *crownetes* ou *soubrettes*⁸. E aquelas que ousavam ser palhaços (sim, palhaço no masculino porque não existia a palavra palhaça!), tinham que esconder suas verdadeiras identidades como foi o caso de Elisa Alves. Filha do dono do Circo Guarani João Alves, ela substituiu no picadeiro seu irmão que adoeceu e, desde esse dia, virou o palhaço Xamego, cuja identidade o circo escondeu por toda a sua carreira, que foi longa (CASTRO, 2019, p. 82). Ou seja, ela até poderia fazer sucesso como palhaço, mas nunca como palhaça, com a sua verdadeira identidade.

Como é possível observar, cada movimento feito gerava ainda mais dúvidas e ao mesmo tempo, a necessidade de buscar respostas. Percebi que se esboçava diante de mim uma complexidade maior que imaginava. Diante disso, precisava de uma metodologia de pesquisa que pudesse contribuir de uma forma mais eficaz para o que estava procurando. Neste sentido, a cartografia pareceu ser ideal, mesmo antes do projeto estar estruturado.

⁸ *Partiners*, *crownetes* ou *soubrettes* são personagens caricatas que parecem nos espetáculos: aquelas que representam criadas sensuais são as *soubrettes*; as *crownetes* são as belas e elegantes assistentes do palhaço; as *partiners* são lindas mulheres que auxiliam em números de habilidades (CASTRO, 2019, p. 82).

A cartografia é um método de investigação que não busca desvelar o que já estaria dado como natureza ou realidade preexistente. Partimos do pressuposto de que o ato de conhecer é criador da realidade, o que coloca em questão o paradigma da representação. Como já atestaram Maturana e Varela (1990, p. 21), ‘todo ato de conhecer traz um mundo às mãos, [...] todo fazer é conhecer, todo conhecer é fazer’. Ter um mundo às mãos é comprometer-se ética e politicamente no ato do conhecimento. É intervir sobre a realidade. É transformá-la para conhecê-la. Há uma dimensão da realidade em que ela se apresenta como processo de criação, como poiesis, o que faz com que, em um mesmo movimento, conhecê-la seja participar de seu processo de construção. O acesso à dimensão processual dos fenômenos que investigamos indica, ao mesmo tempo, o acesso a um plano comum entre sujeito e objeto, entre nós e eles, assim como entre nós mesmos e eles mesmos. O acessar esse plano comum é o movimento que sustenta a construção de um mundo comum e heterogêneo (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 264).

A prerrogativa da cartografia de que o/a pesquisadora inicia o seu trabalho com a perspectiva de que vai conhecendo o fenômeno de etapa em etapa, foi muito importante para tudo que foi realizado nesta investigação até o momento. Esse caráter processual da investigação possibilitou que ela não fosse abandonada ou se satisfizesse com os poucos dados coletados. Não ter nenhuma hipótese, fatos concretos, materiais bibliográficos, documentais, parecia ser, inclusive satisfatório. Neste sentido, três frentes de procedimentos foram organizadas: 1. Estruturar o projeto de pesquisa de modo que ele fosse mais um mapa poético e sensível do que uma organização de procedimentos; 2. Continuar investigando em outros espaços e profissionais que não fossem os já investigados (artistas, pesquisador/as, espaços culturais) na busca de dados; 3. Criar um grupo para praticar jogos de palhaçaria, como uma forma de aglutinar, promover, acolher pessoas interessadas nesta arte e quem sabe, receber alguma mulher palhaça.

O ano de 2020 por causa da pandemia⁹, continuei sem nenhuma informação, pois foi impossível fazer qualquer movimento. Mas em 2021, fui agraciada com um presente incrível: a orientação de um trabalho no Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Artes¹⁰ – URCA (PROFARTES-URCA) que tinha como temática central,

⁹“Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto desse novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional (RSI 2005). Essa decisão buscava aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, devido à ampla distribuição geográfica da doença no mundo” (OPAS, s.d). A ação central para conter a contaminação foi o isolamento.

¹⁰ Implementado na Universidade Regional do Cariri em 2020.

a palhaçaria, proposto por Rita Cidade¹¹. Este encontro se tornou a célula fundamental, o marco zero, o tijolo inicial de todos os demais desdobramentos deste trabalho. Rita Cidade foi a primeira pessoa com quem consegui conversar e de fato ter algumas pistas para trilhar. Com uma carreira sólida no teatro, teve contato com a palhaçaria em 2017 num projeto contemplado pelo Laboratório de pesquisa Teatral 2017 – Porto Iracema das Artes – Escola de Formação e Criação do Ceará, para a criação do trabalho “Depois da bonança vem...”¹², que teve a mentoria do artista Ésio Magalhães. Embora acompanhasse a carreira de Rita Cidade, visto vários trabalhos seus, não sabia dessa experiência.

Durante o processo de orientação, contei da minha busca e em junho de 2021 fizemos a primeira conversa sobre o tema. Em julho, fizemos outra, em companhia da atriz Joaquina Carlos¹³, que também havia participado do mesmo processo que ela. Os dois encontros foram em formato remoto por causa das restrições da pandemia que ainda imperava. Com essas duas conversas, consegui rascunhar um primeiro mapa com o nome de algumas mulheres, espetáculos e grupos que exploravam a comicidade e o nome de um grupo que, na década de noventa, havia trabalhado com palhaçaria. Contudo, ninguém parecia continuar atuando na área. A partir desses dados formulei o título do projeto “Mulheres Palhaças e Artistas Cômicas do Cariri Cearense: protagonizando o feminino na cena teatral”, pois tinha aproximadamente vinte nomes de artistas cômicas e sete nomes mulheres que haviam explorado a palhaçaria. Caso realmente não encontrasse outras palhaças, iria focar o projeto nas artistas cômicas.

Em 2022, com o retorno das atividades presenciais, graças às vacinas, iniciei o projeto de reunir mulheres para praticar jogos de palhaçaria, dando origem ao projeto de extensão “Jogos de Palhaçaria: a brincadeira na cena”¹⁴. No início, o processo era só para mulheres e, neste período, haviam várias mulheres palhaças, oriundas de várias regiões do Brasil, que visitavam a região do Cariri por causa de sua riqueza cultural e, após o confinamento da pandemia, muitas buscavam por liberdade e experiências. Mas devido a rotatividade das pessoas, decidi abrir o grupo para todas as pessoas que se interessavam

¹¹ Rita Cidade é atriz cratense, professora/pesquisadora, palhaça e mestra em artes. Defendeu seu trabalho “Educação e Palhaçada: a arte da palhaçaria como amplificadora da escuta docente e discente” em 2023.

¹² Espetáculo sobre a história do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, comunidade rural de Crato, que foi dizimada no início do século XX por ter sido considerada pelos governantes uma ameaça comunista. Estreia em 2017. Ficha técnica: Dramaturgia: Ésio Magalhães e Joaquina Carlos. Direção de cena: Ésio Magalhães. Direção musical e música de cena: Amélia Coelho. Criação, interpretação, figurinos e maquiagem: Joaquina Carlos, Nilson Matos e Rita Cidade (Sousa, 2023).

¹³ Atriz e professora, natural do cariri.

¹⁴ Projeto de extensão que coordeno desde 2022, cujo objetivo central é praticar jogos de palhaçaria para entender e explorar a comicidade na cena, encontrar a própria comicidade, aprender a jogar com fluidez, vivacidade, desenvolver a escuta e a espontaneidade.

por experimentar a palhaçaria. E devido a esse grupo, tive um segundo encontro incrível, não apenas para a pesquisa, mas para a minha alma palhaça.

Todo o processo do grupo “Jogos de Palhaçaria” tem a minha coordenação e parceria com SESC Juazeiro do Norte e Crato, que sempre oferecem formação nesta área. O grupo sempre é estimulado a participar de todas as atividades que ofertam, assim como de outras iniciativas que surgem na região. Em 2023, o grupo participou da oficina “Criação de Cenas Cômicas”¹⁵ que o grupo K’os estava ofertando em Crato. Havia muitas pessoas que estavam pesquisando comicidade, *stand up comedy*, contadores de histórias e nós da palhaçaria. Durante a apresentação dos participantes, de repente escuto: “Sou Isabel Lopes¹⁶, palhaça há 30 anos. Sou a palhaça Pompom”. Primeiro, nem acreditei no que estava ouvindo. Meu coração acelerou. Além de Rita Cidade, não acreditava que estava diante de uma palhaça, caririense! E esta com 30 anos de experiência! Uma vida, muitas histórias, experiências e percepções! A partir deste encontro, ganhamos o presente de ter Isabel Lopes participando do nosso grupo.

As conversas com ela tornaram possível, finalmente, estruturar o projeto, pois haviam mulheres palhaças no Cariri, e atuantes! Este fato foi o dado central que estimulou a efetivação do projeto, pois estava diante de uma mulher palhaça, que atuou em diversas cidades, eventos, espaços culturais, mas ninguém lembrou. Perguntei nos mesmos espaços onde ela havia atuado, mas ninguém disse nada. Percebi então que o projeto precisava ser efetivado para oferecer um espaço de visibilidade para as mulheres que estava mapeando. Diante disso, um dos objetivos do projeto passou ser documentar essa história recente que parecia que, já estava sendo esquecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar, o projeto “Mulheres Palhaças e Artistas Cômicas do Cariri Cearense: protagonizando o feminino na cena teatral” levou aproximadamente 3 anos para ser estruturado, até sua aprovação em 2024. Em 2025 iniciamos as entrevistas/documentários e ainda temos muito para fazer. Neste relato de experiência não vou citar todos os dados coletados e organizados, até o momento, porque a pesquisa ainda está em andamento e, muitos procedimentos ainda precisam ser melhor estruturados e

¹⁵ Iniciativa do grupo K’Os, orientado por Aline Campêlo e Aldrey Rocha patrocinada pelo Edital das Artes – categoria humor – da Secretaria de Cultura do Ceará/SECULT-CE.

¹⁶ Pedagoga e palhaça caririense.

informações verificadas. Mas vou citar aqui que, até o momento, foram entrevistadas cinco mulheres palhaças que deram o nome de outras artistas que trabalharam e/ou trabalham na palhaçaria. Em 2021 tínhamos 7 nomes, agora são 16. A linha de tempo mapeada, por enquanto, é a década de noventa. Elas representam 5 municípios da região do Cariri. Muito provavelmente, não conseguiremos cobrir todos os 29, mas não faremos uma delimitação territorial, por enquanto. Alguns dados demonstram que a palhaçaria dessas artistas tem algum tipo de relação com figuras/tipos cômicos de algumas manifestações culturais da região. Mas para verificar esta informação, preciso de um pouco mais de tempo e pesquisa. Talvez até um outro projeto mais específico para abordar a temática caso seja comprovada a aproximação.

Em breve espera-se publicar os resultados dessa pesquisa, os documentários das histórias e que elas possam inspirar outras pesquisas e mulheres na palhaçaria. Até o momento, o que se pode adiantar é que as histórias são riquíssimas, mas nada fáceis. Não é em vão que a grande maioria tenha vivenciado a palhaçaria e abandonado essa arte pouco tempo depois. Tem um certo predomínio masculino na organização dos grupos, nas montagens dos espetáculos e até na monetização de seu trabalho. Podemos comemorar a nossa arte hoje, pois fizemos vários avanços, em várias questões. Mas ainda precisamos continuar avançando e fazendo ainda mais.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Lili. **Palhaços**: multiplicidade, performance e hibridismo. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

JUNIOR, Darlan de Oliveira Reis. **Cadernos de História**. A região como artefato: o Cariri na segunda metade dos Oitocentos. Belo Horizonte, v. 17, n. 27, 2016.

LIMA, Flavia Fernanda de (et al.). **Geopark Araripe**: histórias da terra, do meio ambiente e da cultura. Fortaleza, 2011.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano Comum. **Fractal**, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, p. 263-280, Maio/Ago. 2013.

SOUSA, Rita Emanuela Cidade. **Educação e Palhaçada**: a arte da palhaçaria como amplificadora da escuta docente e discente. Trabalho de Conclusão. Programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES-URCA, 2023.

OPAS. Organização Mundial de Saúde/Região das Américas e Organização Pan-americana de Saúde. Disponível em:
<https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19>